

A singularidade de um povoado do colar metropolitano de Belo Horizonte: mutações e ressignificações de um lugar**A village's singularity in the metropolitan necklace of Belo Horizonte: mutations and ressignifications of a place**Rahyan de Carvalho Alves¹Adília Jardim Silva²Gabriela Carneiro Reis³Liliane Rodrigues de Oliveira Braga⁴José Antônio Souza de Deus⁵**Resumo**

Este artigo objetiva problematizar sobre as novas ruralidades presentes no bairro Fazenda Velha, localizado no município de Sete Lagoas – MG; e analisar, sobretudo, suas implicações socioculturais no cotidiano dos moradores locais. Discute-se brevemente, nessa perspectiva, os conceitos das ruralidades e novas ruralidades, abordando o contexto de (re) produção sociocultural deste distrito. Os procedimentos metodológicos utilizados para a operacionalização da pesquisa foram: levantamento bibliográfico, pesquisa de campo com a realização de entrevistas semiestruturadas e registros iconográficos. Tal investigação foi viabilizada no âmbito da disciplina “Tópicos Especiais: Instrumentais e Técnicas em Pesquisa Qualitativa”, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Belo Horizonte - MG / Brasil. Procurou-se entender a apropriação do espaço através da análise da dinâmica local concernente às novas ruralidades aí presentes, que convivem e se interligam com características do urbano e detectamos alterações da configuração espacial com a inserção das novas residências, da infraestrutura vinculada aos condomínios residenciais e haras, mantendo-se, contudo, como contraponto latente, a permanência e ressignificação das tradições pela comunidade a partir da resiliência das suas manifestações culturais, da apropriação e uso dos espaços coletivos e de cunho religioso.

¹ Doutor em Geografia pelo Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). rahyan.alves@unimontes.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7225-5959>

² Mestra em Geografia pelo Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). adiliajs@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1524-6217>

³ Doutoranda em Geografia pelo Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). gabireis@live.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8567-1182>

⁴ Doutora em Geografia pelo Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). liliane.geo@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7994-4001>

⁵ Professor associado do Programa de Pós-graduação em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). jantoniosdeus@uol.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1737-4960>

Palavras-Chave: Novas Ruralidades; Dimensão Sociocultural; Percepção; Pesquisa Qualitativa.

Abstract

The new ruralities present in a village called Fazenda Velha, located in Sete Lagoas - MG, and overall, their socio-cultural implications in local inhabitants' daily life are at issue in this paper. In that perspective, the concepts of ruralities and new ruralities are briefly discussed, addressing the context of socio-cultural (re) production in this district. The methodological tools used/ adopted were: bibliographic survey, semi-structured interviews and iconographic records. Such procedures were possible through field work carried out through the discipline "Special Topics: Instrumentation and Techniques in Qualitative Research", carried by the Post-Graduate Program in Geography of the Federal University of Minas Gerais (UFMG) - Belo Horizonte-MG / Brazil. The aim was trying to understand the appropriation of Space, made possible through the local dynamics analysis, concerning the new rurality's present there which, by the way, actually coexist and interpenetrate with typical urban contexts' attributes is we detected changes in the spatial configuration with the insertion of new residences, the infrastructure linked to residential condominiums and stud farms, maintaining, however, as a latent counterpoint, the permanence and re-signification of traditions by the community from the resilience of their cultural manifestations, the appropriation and use of collective spaces and religious nature.

Keywords: New Ruralities; Sociocultural Dimension; Perception; Qualitative Research.

Introdução

O trabalho aqui desenvolvido, que utiliza categorias de análise e paradigmas de interpretação das Geografias Agrária e Cultural, apresenta resultados parciais de trabalho de campo realizado em 2019 no âmbito da disciplina "Tópicos Especiais: Instrumentais e Técnicas em Pesquisa Qualitativa" ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais.

O artigo tem como objetivo investigar as novas ruralidades presentes no cotidiano do bairro Fazenda Velha, localizado no município⁶ de Sete Lagoas – MG, e, sobretudo, suas

⁶ Vale destacar que o município de Sete Lagoas está localizado no Colar Metropolitano de Belo Horizonte. O Colar Metropolitano em questão está regido por meio da Lei Complementar nº. 89, de 12 de janeiro de 2006, sendo a formação de 16 municípios entorno da região metropolitana mineira atingidos pelo processo de metropolização (IPEA, 2015).

implicações socioculturais por meio de uma abordagem qualitativa. Como procedimentos metodológicos foram adotados/utilizados: pesquisas bibliográfica e cartográfica, trabalho de campo com a realização de entrevistas semiestruturadas, registros iconográficos, sistematização e contextualização das informações primárias e secundárias obtidas, e reflexão crítica e problematização sobre os conceitos e temas em pauta. A questão específica da toponímia local foi, a propósito, abordada anteriormente por Silva et al. (2020), pesquisadores que também integraram a equipe de campo que trabalhou, em abril/ 2019, em Fazenda Velha.

Apresentam-se, como estrutura/etapas do trabalho, reflexões sobre o que sejam as novas ruralidades, especialmente para a compreensão da (re) produção sociocultural que presenciamos no povoado; e em seguida, a constituição/representação do local do campo e a análise dos dados obtidos.

Breves notas sobre: novas ruralidades e suas implicações socioculturais

Debruçar-se sobre o tema: novas ruralidades é remeter à compreensão da proximidade entre campo e cidade, zona rural e urbana, analisando e procurando (re)interpretar seus limites e interações/interseções. Essa afirmação, logo no início deste trabalho, faz-se pertinente ao percebermos que, mesmo de maneira desigual, numa perspectiva econômica, observa-se, na área-foco de investigação, o fenômeno que melhor caracteriza a existência de uma “nova ruralidade”, qual seja a multiplicidade de atividades econômicas e sociais que permitem um encontro dos espaços em constante fronteira (MOREIRA & GAVIRIA, 2002).

Para compreendermos o novo rural, para além de uma discussão entre a imersão e/ou encontro do modo de produção, buscamos apresentar a relação intrínseca que se desenvolve entre a vida no urbano do rural e do rural no urbano, brevemente destacando que existem sinais qualitativos para a apreensão desta ruralidade, os quais ficaram nítidos no destino de campo pelo qual incursionamos. E podemos pontuar, em primeiro lugar, que as novas vivências do espaço rural envolvem:

a) uma relação de maior proximidade com a natureza, dado que em outro momento os recursos naturais eram voltados para a produção de bens primários, num viés estritamente ligado

ao capital e seu processo em escala; e, agora os recursos também são objeto de novas formas de uso social, com destaque para a conservação e reserva de capital via preservação da biodiversidade, o aproveitamento do potencial paisagístico para o lazer e a busca de fontes renováveis de energia, etc.

b) potencialização da relação campo/cidade que, agora, é mais aberta e menos obscura, dado que os espaços rurais deixam de ser meros exportadores de bens para dar espaço a uma maior diversificação e integração intersetorial de suas economias (como o turismo rural); com isso aquecendo e, em alguns casos, mesmo invertendo o sentido demográfico (campo-cidade para cidade-campo).

c) desenvolvimento de relações interpessoais, as quais outrora se caracterizavam fundamentalmente pelo isolamento e relativa homogeneidade do homem urbano e rural, dando, nesse novo momento, abertura para a heterogeneização, compatível com uma maior mobilidade espacial, com o novo perfil populacional que busca, no rural, obter lazer, novos empreendimentos e possibilidades de ir ao encontro de “outro espaço”.

Assentados nessa perspectiva, é preciso perceber a quebra da relação, por muitas vezes tensionada, entre o rural e o urbano em virtude da tradicional valoração excessiva do urbano, que era e, ainda é, por muitos, visto e pensado como sinônimo de moderno, de progresso, em oposição ao rural, classicamente visualizado como sinônimo do atraso, do tradicional, do arcaico (MARAFON, 2014, MEDEIROS, 2017).

Por esta razão, as reflexões e estudos sobre a ruralidade, na contemporaneidade, devem ter como requisito o (re) conhecimento do rural considerando suas relações intrínsecas, assim como aquelas desenvolvidas com o urbano. Estas novas ruralidades devem considerar todas as características singulares que a representam, tanto em relação ao espaço físico (referência ao território e aos seus símbolos material e imaterial), como ao lugar onde se vive (territorialidades, identidades, paisagens, significados e significâncias) e ao lugar de onde se vê e se vive o mundo (a cidadania, a liberdade, inserção em discussões e participação propositivas na e da política e economia locais) (MEDEIROS, 2017).

O rural é visto como um espaço especial e dotado de sentidos peculiares, sendo comparável a um ator ontocriativo e coletivo, situado num espaço diversificado. E a ruralidade é uma construção histórica com novas identidades e que é expressão de diferentes relações estabelecidas entre campo e cidade. Logo, existe uma revalorização da natureza (aliada aos desejos e ambições do capital e também sobre a necessidade natural de se escrever a história do homem no espaço habitado), configurando-se, aí, certa urbanidade que revaloriza o modo de vida no campo e a sua produção (na percepção do outro).

Neste processo, as relações econômicas passam a confirmar a importância que a terra tem como elemento de produção e reprodução e até mesmo de revalorização da posse (como bem) e de identidade. Vale destacar que neste processo de emergência de novas ruralidades, devemos perceber que:

As relações sociais incluem as dimensões simbólica, afetiva, cultural, bem como os processos de herança e sucessão. As relações espaciais estão vinculadas aos arranjos espaciais de ocupação da terra, distribuição da infraestrutura e das moradias que passam a ser repensadas por um hibridismo moderno, entre o contato com o diferente que passa a fazer parte do dia a dia e do seu modo de perceber o lugar. (ALENTEJANO, 2003, p. 31).

Segundo Enrique Sergio Blanco (2004), as “novas ruralidades” não só aproveitam como também expandem e espraiam as novas funções e atividades no campo integrando e envolvendo as famílias rurais com a interface do poder público e da iniciativa privada. E, para José Graziano da Silva (1996), foi a partir de meados dos anos 1980, que o rural brasileiro reconfigurou, compondo-se especialmente por três grandes grupos de atividades, a saber:

- a) agropecuária moderna, baseada em *commodities* e ligada às agroindústrias;
- b) conjunto de atividades não agrícolas, ligadas à moradia, ao lazer, a várias atividades industriais e de prestação de serviços (como percebida em atividades em campo, disposto no decorrer do trabalho em questão) e;
- c) conjunto de novas atividades agropecuárias, localizadas em nichos especiais de mercado com características específicas que variam conforme o interesse, incentivo e vocação de cada região.

É possível afirmar que também houve uma revalorização de atividades rurais não agrícolas decorrentes das transformações do meio rural que passa a ser lugar de moradia, de turismo, de lazer, de produção de bens orgânicos e de qualidade, prestação de serviços etc., também as atividades relacionadas à preservação da natureza fazem parte deste processo, como anteriormente dito.

Entre as atividades não agrícolas presentes no campo, na atualidade, merecem destaque as atividades turísticas, devido à proliferação de áreas de lazer. Essas “novas” atividades demandaram um número crescente de pessoas para dar sustentação à expansão das atividades turísticas no espaço rural, o que possibilitou que os membros das famílias, liberados das atividades rotineiras da exploração agrícola, pudessem ocupar as vagas geradas na expansão do turismo rural e nas atividades industriais. Assim devemos levar em consideração que o espaço rural não é somente agrícola. Rompe-se deliberada e explicitamente com dois elementos secularmente associados ao rural: sua função principal não é mais, necessariamente, a produção de alimentos e nem a atividade predominante é a agrícola, reforçando assim a noção de hibridez do espaço rural (MARAFON, 2014, p. 04).

Já Moreira e Gaviria (2002) referem-se à ruralidade como um conjunto de processos contemporâneos relacionados à globalização, das políticas e incentivos neoliberais, que de certa forma, influenciam os processos de construção socioculturais contemporâneos influenciados pela pós-modernidade, pela era da informação, pela busca de ir ao campo para desfrutar um momento de lazer, como uma válvula de escape para o *stress* do dia a dia.

Para Moreira (2002), falar de ruralidade é falar constantemente do seu contexto dialético: a urbanidade, num processo híbrido e polissêmico ligado ao par Campo-Cidade, que acaba inconscientemente ilustrando as relações sociais contemporâneas, imbuídas de trocas e fluxos, de pessoas e modos de vida; e, logo, as novas ruralidades vincular-se-iam a uma maneira de perceber a mudança e ao mesmo tempo ligar-se-iam, também, à resistência do homem no seu espaço-lugar.

Notas sobre a percepção ambiental (na ótica de Tuan) como ponto de partida para análises de atividades em campo

A Geografia Humanista-Cultural, no que concerne aos estudos de percepção ambiental, está assentada, por exemplo, nas proposições de Tuan (1980) e representa uma das formas de fazer ciência, de perceber e analisar o espaço vivido, o lugar, os vínculos afetivos estabelecidos

entre sujeitos e o seu território, os quais, muitas vezes, têm um caráter positivo, topofílico. Já o sentimento de aversão do homem aos lugares categoriza-se como sentimentos topofóbicos, conforme ressaltado pelos estudos de Amorim Filho (1999).

Yi-Fu Tuan (1980) é um dos precursores da utilização do termo topofilia no campo da ciência geográfica. Em sua obra, *“Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente”* (1980), o autor pontua que “[...] topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal” (TUAN, 1980, p. 37). E ainda, destaca que a palavra topofilia constituiria um neologismo, que se mostraria útil quando aplicado/definido em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material, os quais, aliás, diferem acentuadamente em intensidade, sutileza e modo de expressão (TUAN, 1980). Tuan (1980) inclusive revela nuances do sentimento topofílico. Uma delas refere-se à resposta essencialmente estética ao meio ambiente ainda que remeta a um efêmero prazer que se tenha, por exemplo, da vista de um lugar, porém, intensa e inesperadamente revelado.

Isso ocorre pelo fato de a pessoa ser simultaneamente um organismo biológico, um ser social e um indivíduo criativo e, dessa maneira, sua percepção, atitude e valor refletem o ser. E vale ressaltar que as ruralidades e a diversidade de elementos socioespaciais de um lugar também podem apresentar aspectos relevantes que caracterizam as relações entre o indivíduo e o seu meio, seu espaço de vida, estruturado numa rede de significados e de elementos valorizados. Tal reflexão sobre percepção foi necessária para a realização da atividade de campo em questão, cuja caracterização da área e dados obtidos seguem discutidos nos subtópicos a seguir.

Contextualização geohistórica do povoado de Fazenda Velha

Fazenda Velha é um dos 173 bairros do município de Sete Lagoas, localizado no estado de Minas Gerais e que sempre assumiu um papel relevante em termos histórico-culturais, desempenhando grande centralidade, no contexto regional (DEUS, BARBOSA & CASTRO, 2019). A cidade fica apenas a 70 km de Belo Horizonte e a 40 km do Aeroporto Internacional Tancredo

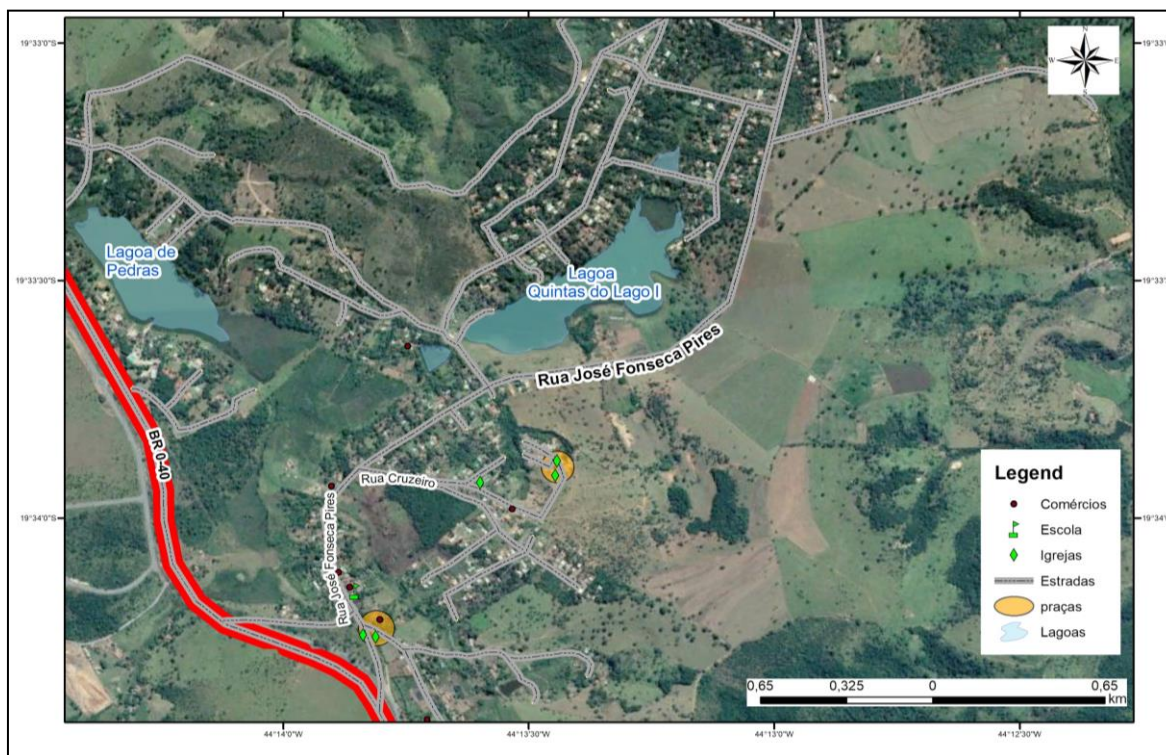
Neves - Confins (SETE LAGOAS, 2019); e, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística sua população estimada é de 232.107 habitantes (IBGE, 2019). O povoado é conhecido popularmente como um “bairro rural”, pois está afastado do perímetro urbano da cidade. Porém, institucionalmente, Fazenda Velha foi definida pela lei nº 7803 de 14 de outubro de 2009 como Área Urbana Isolada (AUI), com infraestrutura básica que permite independência da sede do município.

A referida lei nº 7803 dispõe sobre o perímetro urbano do distrito-sede do município de Sete Lagoas; em seu artigo 1º, descreve o perímetro urbano do município, e no artigo 2º, institui as Áreas Urbanas Isoladas (AUI) do Distrito Sede, e entre elas, se inclui Fazenda Velha, que tem seu perímetro estabelecido da seguinte forma:

I - Área Urbana Isolada da Fazenda Velha: da sede da Faz. Varginha, de Propriedade do Sr. Benjamin Guilherme Lithing Filho (exclusive), na margem da Rodovia BR 040. Segue em linha reta até O SÍTIO DE HERMÍNIA FRANÇA Melo (inclusive), daí segue em reta, passando pelo Sítio Terra de Havilá (inclusive) até atingir a caixa d'água na entrada para o Sítio de Paulo Roberto (exclusive), deste ponto, segue pelo Espigão, atravessando a Estrada Cascavel (para Pedras) até atingir a Estrada Fazenda Velha/ Pedras, no ponto fronteiro às cercas de divisa do Condomínio Quintas do Lago (inclusive). Daí pela Estrada da Fazenda Velha/ Pedras até a Estrada Fazenda Velha/ Sete Lagoas, segue por esta até alcançar a sede da Fazenda Boa Vista de propriedade do Sr. Raimundo Fonseca (exclusive), deste ponto atinge o Espigão e segue por este ultrapassando-o até o Sítio de Dr. Breno (inclusive), daí segue até a Bocaina, daí segue, atravessando a Estrada para Capim Branco, até atingir a Rodovia BR 040 e por esta até o ponto inicial (SETE LAGOAS, 2009).

Para construirmos brevemente algumas percepções sobre o Fazendo Velha, faz-se necessário a representação de alguns pontos do lugar, tal como comércios, escolas, e igrejas, estradas, lagos, ruas, acesso via BR etc., os quais são destacados no Mapa 1.

Mapa 1: Carta Imagem - Fazenda Velha (Sete Lagoas-MG).



Fonte: Google Earth website, <http://earth.google.com/>, 2019.
 Elaborado por: REIS, Gabriela Carneiro, 2019.

As versões sobre a história e origem de Fazenda Velha são bastante divergentes entre os próprios moradores, o que se percebeu a partir das entrevistas aplicadas, a partir das quais, a maioria dos integrantes de um segmento da população: os jovens e pessoas; migradas de outros locais para se domiciliarem no povoado declararam desconhecer a origem do bairro; enquanto as pessoas mais antigas no local e as que aí nasceram conhecem melhor a origem do bairro. Conforme os depoimentos deste último grupo, o seu surgimento teria se dado tendo como núcleo inicial uma antiga fazenda, que teria tido como um dos seus proprietários o Sr. José Fonseca Pires (que dá nome a uma das ruas principais). Os entrevistados, alternativa ou complementarmente, pontuaram ainda que o bairro teria tido sua formação ligada à aglutinação de um conjunto de várias fazendas e com a sede da fazenda do Sr. José Pires.

A origem do bairro também estaria relacionada ao desenvolvimento das principais atividades econômicas locais, a saber, a pecuária e a agricultura; alguns entrevistados relataram ainda que esta fazenda detinha africanos escravizados. Atualmente, a composição demográfica do bairro abrange: *a)* parte de moradores antigos, muitos colonos das fazendas, e *b)* outra parte constituída por donos de sítios e moradores dos dois condomínios rurais existentes no local; inclusive, quando se procura/pesquisa pelo nome do local na busca de vários navegadores (*internet*), como o “Google”, aparecem dezenas de anúncios de sítios à venda no bairro. Este último grupo usa estes domicílios para o seu lazer, como veremos no próximo subtópico.

Fazenda Velha também se destaca por seus atributos naturais, como as lagoas Quinta do Lago I e das Pedras. Através das entrevistas, percebeu-se que estes elementos são reconhecidos como símbolos do lugar, verificando-se, portanto, que são estes aspectos naturais da paisagem, somados à cultura local, que conformam a identidade do lugar àqueles que vivem e constroem o cotidiano do bairro.

Durante a realização do trabalho de campo percebeu-se que na Fazenda Velha, materializam-se claramente dois “mundos”: um dos moradores mais antigos e que são residentes e, o outro, que seria o ‘mundo vivido’ pelos sujeitos que possuem sítios ou casas nos condomínios próximos. Os condomínios são, aparentemente, a maior fonte de geração de emprego em Fazenda Velha. A maioria da população local trabalha nestes locais. Os moradores antigos, entretanto, fazem questão de manter as tradições locais, normalmente por meio de festas religiosas como as de Nossa Senhora do Rosário e de São Sebastião, espacialidades festivas que se caracterizariam, portanto, como manifestações concretas e vividas de uma cultura e modo de vida particulares que representam este lugar.

Dando sequência à estrutura do trabalho, e como sua penúltima etapa, apresentaremos, a seguir a percepção do lugar viabilizada por meio dos registros fotográficos.

Percepção do lugar através do registro iconográfico

A partir das metodologias da observação participativa e dos registros de trabalho de campo, procedemos ao emprego do registro e da análise fotográfica para o desenvolvimento de nossa

análise, a qual busca, neste momento do trabalho, abordar a percepção sobre Fazenda Velha. Os conjuntos de registros fotográficos representam o olhar dos autores deste trabalho, juntamente com as percepções dos moradores, logo sendo um dos olhares do universo possível de interpretações.

As imagens apresentadas foram selecionadas a partir dos dados das entrevistas considerando, de forma geral, os principais temas e informações relatados pelos moradores. Posto isso, tais informações contemplam *a)* as segundas residências, *b)* a percepção do bairro, *c)* a relação do sujeito com o lugar e o outro, *d)* a relação do sujeito com a natureza, *e)* as manifestações religiosas e; *f)* as marcas sociais locais.

O trabalho de campo foi realizado em uma segunda-feira, 29 de abril de 2019 e teve início por volta das 8h. Chegando ao bairro a primeira impressão foi de que ele seria territorialmente reduzido, habitado por moradores rurais, com residências construídas de maneira singelas. Entretanto, ao caminhar por Fazenda Velha, foi possível observar uma paisagem mais complexa e multifacetada, composta por sítios e chácaras, com extensos jardins e áreas de lazer. As casas, em sua maioria, possuíam áreas *gourmet* e piscinas, por exemplo, eram, claramente, segundas residências. A Figura 1 apresenta exemplos das segundas residências verificadas em Fazenda Velha:

Figura 1 - Segundas residências - Fazenda Velha (Sete Lagoas-MG).



Fonte: REIS, Gabriela Carneiro, 2019.

Como pôde ser observado na Figura 1, o que atraiu nossos olhares foi a configuração das construções a partir de uma “grande exposição” das residências (são poucas aquelas que possuem muros altos e que não permitem a visão do interior das casas, exceto os condomínios) que contrastam com as residências e a realidade dos moradores genuinamente locais, aqueles que estão ali, no trabalho, no cotidiano. Tais aspectos da realidade local podem ser percebidos através da Figura 2, a qual retrata cenas do vivido em Fazenda Velha:

Figura 2 - Cenas do Cotidiano - Fazenda Velha (Sete Lagoas-MG).



Fonte: REIS, Gabriela Carneiro, 2019.

A partir das análises através da Figura 2, é possível perceber que as ruas do bairro quase sempre estão vazias, ausentes de movimento. As residências se diferenciam no que se refere ao tipo de construção e em relação ao seu porte (Conforme disposto na FIGURA 1).

Contrastes da paisagem local, portanto, explicitaram-se (no que se refere à percepção acerca do bairro, registro iconográfico e entrevistas) no que concerne às segundas residências, aos diversos e diferentes padrões de moradias e à rotina dos habitantes de Fazenda Velha. A maioria dos sítios e chácaras estava fechada na ocasião da realização da pesquisa de campo, sem a circulação de pessoas e desenvolvimento de atividades econômicas e ou de lazer, ao menos visivelmente numa primeira percepção da paisagem local. Pelo fato de o campo ter sido realizado na segunda-feira, pode-se inferir que a maioria das pessoas circulantes no bairro era constituída por moradores locais. De acordo com relatos obtidos, muitos cidadãos tornaram-se “caseiros” nessas residências. E daí percebemos um processo pelo qual o espaço se submete: de uma área historicamente concebida como rural, passa-se a uma espacialidade pautada na sua ocupação a partir da intermitência, ou seja, espaços que servem a um processo econômico ora de ocupação,

ora de desocupação, obediente à dinâmica da necessidade de presença do capital nestas localidades.

Ao percorrer as ruas, observou-se que não havia moradores naquelas casas, parecendo-as, de certa forma, “vazias”, “sem vida”, desconectadas com a dinâmica do bairro, de forma geral. Tal percepção era aguçada pela presença de algumas construções que, aparentemente, estavam abandonadas ou que, há muito tempo, permaneciam sem reparos e cuidados. Essa percepção foi intensificada, como já pontuamos, pela falta de circulação (de pessoas e veículos) nas ruas, quase sempre desertas. E ainda foram observadas algumas placas de “vende-se” nas segundas residências.

Outro aspecto interessante dessas residências é a construção de pequenas capelas nas suas áreas externas. Mesmo nas construções rodeadas por muros, foi possível observar os crucifixos dispostos no alto dessas capelas. De acordo com entrevistados o movimento de pessoas nas chácaras é diferente do movimento dos condomínios, pois nem sempre há fluxo de pessoas nos finais de semana, como nos condomínios ao redor do bairro. Aparentemente, as chácaras já não recebem tantos visitantes como há tempos (início dos anos 2000). Mas, de qualquer forma, o movimento é sempre maior nos finais de semana, feriados e final do ano, e sempre os sujeitos que visitam e residem nessas casas usam as capelas para celebração, tal como em festejos e casamentos.

Outro local visitado foi o haras. Foi possível fotografar a casa onde o mantenedor do estabelecimento mora, os animais, os dois açudes aí existentes, o espaço destinado aos *shows* e as casas situadas ao lado da propriedade. De acordo com um dos funcionários nos dias de *show* (especialmente, a vaquejada), são atraídas para o povoado, pessoas de Sete Lagoas e Belo Horizonte. A Figura 3 destaca a estrutura do estabelecimento.

Figura 3 - Haras, Fazenda Velha (Sete Lagoas-MG).



Fonte: REIS, Gabriela Carneiro, 2019.

Nas entrevistas, os moradores locais fizeram menção à “Festa do Cavalo”, que acontece no lugar. O evento é uma das manifestações locais mais percebidas e mencionadas pelos moradores. Além desta festa, eles registraram ainda as festas religiosas e da Igreja de São Sebastião, que se expressam como marcas, paisagens-lugares e manifestações (de territorialidades festivas) para os moradores de Fazenda Velha. A Figura 4 apresenta a Igreja de São Sebastião que também representa local de uso (e de vivência espacial) em datas festivo-religiosas, entre outras.

Figura 4 - Igreja São Sebastião e Empório Marquinhos (Sete Lagoas-MG).



Fonte: REIS, Gabriela Carneiro, 2019.

A Igreja de São Sebastião foi a primeira capela que contactamos no bairro. Está localizada logo na entrada de Fazenda Velha. Além da Igreja, a Figura 4 traz o registro do Empório do Marquinhos; estabelecimento comercial tradicional algumas vezes citado pelos moradores. O empório está localizado logo na entrada do bairro, e foi a primeira e a última parada do campo. Pela manhã foi possível observar que existe um movimento de carga e descarga de diferentes produtos no estacionamento do estabelecimento.

No segundo momento da vista, por volta das 15 h, outro movimento de carga e descarga é observado no empório. Isto deve ocorrer devido à proximidade com a BR-040. Logo atrás da mercearia há um pequeno pasto com a criação de vacas e galinhas. Segundo o proprietário do estabelecimento, o leite e os ovos aí produzidos, por exemplo, são utilizados na confecção de queijos, requeijões e broas de milho, produtos comercializados no local.

Em Fazenda Velha a paisagem é essencialmente rural: há muitas árvores frutíferas (como mangueiras), ruas floridas e aves como tucanos, compondo a paisagem. Sobre a experiência espacial no lugar, a maioria dos moradores entrevistados cita a natureza que os rodeia como constituinte de suas vivências, destaca a importância do uso da terra para eles e se refere às frutas

locais. De forma geral, pode-se dizer que eles desenvolvem uma relação íntima de uso com a terra, em razão do que ela lhes proporciona. A Figura 5 mostra elementos mencionados (e valorizados) pelos moradores.

Figura 5 - Presença do “verde” em Fazenda Velha (Sete Lagoas-MG).



Fonte: REIS, Gabriela Carneiro, 2019.

Dessa forma, o campo em Fazenda Velha apresentou a realidade de um bairro de Sete Lagoas, cuja proximidade a um grande centro urbano, apesar de determinante dos processos espaciais ali operantes, abriga uma comunidade, aparentemente unida, com fortes laços com o lugar e a natureza, remetendo a constituição de uma relação topofílico (TUAN,1980) mas, que também convive e aprende a interagir com a realidade do “mundo exterior”, materializada nas segundas residências e dos condomínios dos “outsiders” que ali se instalam, e que estão presentes no lugar ainda que descontinuamente.

Considerações finais

A realização da investigação no bairro Fazenda Velha, no contexto de um trabalho de campo direcionado à experimentação e desenvolvimento de práticas de pesquisa de natureza qualitativa (que nos conduziu a um “ensaio”, a uma tentativa de imersão e “descrição densa” da

comunidade e do lugar) e aportada em técnicas, como o uso da fotografia, estimulou análises e a reflexão acerca da realidade sociocultural local, especialmente na medida em que se priorizou a obtenção de dados construídos a partir da interlocução próxima e avaliação da percepção dos sujeitos, como recursos e métodos eficazes e instigantes para pesquisas no *front* da Geografia Cultural.

Ainda vale destacar que no recorte territorial em questão, observa-se nitidamente as alterações da configuração espacial com a inserção das novas residências, da infraestrutura vinculada aos condomínios residenciais e haras, mantendo-se, contudo, como contraponto latente, a permanência e resignificação das tradições pela comunidade a partir da resiliência das suas manifestações culturais, da apropriação e uso dos espaços coletivos e de cunho religioso, os quais permanecem servindo de referencial e alicerçando a identidade e a feição própria, particular, singular, deste lugar em mutação. E nesse lugar, ademais, também se evidencia uma combinação de atividades agrícolas e não-agrícolas como formas estratégicas de permanecer (e resistir!) num **espaço vivido** que é, ao mesmo tempo, rural e urbano.

Referências

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. Topofilia, topofobia e topocídio em Minas Gerais. In: DEL RIO, Vicente & OLIVEIRA, Livia (Orgs.). **Percepção ambiental: A experiência brasileira**. São Carlos: EdUFSCAR, 1999, pp.139-152.

ALENTEJANO, Paulo Roberto. As relações cidade-campo no Brasil do século XXI. In: **Terra Livre**, v. 2, n. 21, São Paulo: [s.n.], jul./dez, pp. 25-39, 2003.

BLANCO, Enrique Sergio. O turismo rural em áreas de agricultura familiar: as “novas ruralidades” e a sustentabilidade do desenvolvimento local. In: **Caderno Virtual de Turismo**, v. 4, n. 3, pp. 51-66, 2004.

DEUS, José Antônio Souza; BARBOSA, Liliane de Deus & CASTRO, Henrique Moreira. **Mesopotâmia Mineira: Toponímia, identidades e cultura dos Sertões**. Belo Horizonte: Sangre Editorial, 2019.

IBGE. **Dados socioeconômicos da cidade de Sete Lagoas-MG**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun>>. Acessado em: 23/05/2019.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Caracterização e Quadros de Análise Comparativa da Governança Metropolitana no Brasil:** arranjos institucionais de gestão metropolitana. Brasília, DF: IPEA, 2015.

MARAFON, Glaucio José. Territorialidades, ruralidades. In: **Campo-Território**, Rio de Janeiro. Edição Especial/ XXI ENGA-2012, pp. 1-13, jun., 2014.

MOREIRA, Roberto José & GAVIRIA, Margarita. Territorialidades, ruralidades e assimetrias de poder na comunidade de Taquari. In: **Estudos, Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 2 n. 20, pp.41-56, 2002.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Ruralidades: novos significados para o tradicional rural. In: **NEAG 10 anos: Dinâmicas do espaço agrário - velhos e novos territórios**. 2017, pp. 179-189.

SILVA, José Graziano da Silva & GROSSI, Mauro Eduardo del. **O Novo Rural brasileiro**. IE/Unicamp, Porto Alegre, 1996.

SETE LAGOAS. **Dados da Prefeitura Municipal de Sete Lagoas**. Disponível em: <<http://www.setelagoas.mg.gov.br/>> Acesso em: 20/05/2019.

SETE LAGOAS. **Lei Orgânica Municipal de Sete Lagoas-MG**. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/mg/sete-lagoas/lei-ordinaria/2009/781/7803/lei-ordinaria-n-7803-2009-dispoe-sobre-o-perimetro-urbano-do-distrito-sede-do-municipio-de-sete-lagoas>>. Acesso em: 22/05/2019.

SILVA, Ana Carolina S. et al. Interpretações toponímicas da paisagem do povoado de Fazenda Velha, Sete Lagoas, Minas Gerais. In: **GeoNordeste**, São Cristóvão (SE), v. 31, n. 1, pp. 54-72, jan./jun. 2020.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia:** Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.